# SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO: AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE PARA A PRÁTICA DOCENTE

Amauri Carlos Ferreira\*

Fídias Gomes Siqueira\*\*

Jéssica Fraga dos Santos\*\*\*

Juliana Neves Martins\*\*\*\*

Sâmara Mara dos Santos Martins\*\*\*\*

#### **RESUMO**

O artigo discute as contribuições da psicanálise para a prática docente. O caminho utilizado para o desenvolvimento desta pesquisa foi a escuta sensível de professoras que se deparam constantemente com questões referentes à sexualidade. Os locais desta pesquisa foram escolas públicas da região metropolitana de Belo Horizonte - MG. O referencial teórico utilizado foi o da psicanálise em diálogo com a educação. Os resultados da pesquisa corroboram o tabu da sexualidade e apontam para a importância de discussões sobre sexualidade com crianças e educadores (as) e apontam para a necessidade de discutir sobre o tema da sexualidade na escola.

Palavras-chave: Sexualidade. Educação. Psicanálise. Prática Docente.

## **ABSTRACT**

The article discusses the contributions of psychoanalysis to the teaching practice. The path used for the development of this research was to listen sensitive teachers facing constantly issues related to sexuality. The

<sup>\*</sup> Professor pós-doutor em Educação. Professor de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e do Instituto Santo Tomás de Aquino.

<sup>\*\*</sup> Psicanalista, Doutorando em Psicologia (UFMG) e Mestre em Psicologia FAFICH/UFMG.

<sup>\*\*\*</sup> Graduada em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

<sup>\*\*\*\*</sup> Graduada em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

<sup>\*\*\*\*\*\*</sup> Graduada em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

106

locations of this survey were public schools in the metropolitan region of Belo Horizonte, Minas Gerais, Brazil. The theoretical framework used was of psychoanalysis in dialogue with education. The survey results corroborate the taboo of sexuality and pointed out the importance of discussions about sexuality with children and educators and pointed out the need to discuss on the topic of sexuality in school.

Keywords: Sexuality. Education. Psychoanalysis. Teaching Practice.

# 1 INTRODUÇÃO

A sexualidade continua sendo um tabu e se constitui como importante tema a ser discutido e tratado na prática docente junto aos estudantes. Trata-se de uma questão fundamental que emerge no contexto educacional, abrindo possibilidades para que o tema se torne corriqueiro no espaço escolar.

Com o objetivo de compreender o modo como educadores lidam com este tabu em relação aos estudantes das séries iniciais, a pesquisa versou sobre o tema da Sexualidade e Educação. A pesquisa foi desenvolvida no primeiro semestre de 2016, em duas escolas públicas da região metropolitana de Belo Horizonte- MG, localizadas especificamente na cidade de Ibirité e de Ribeirão das Neves.

Buscou-se estabelecer discussões quanto à prática docente no trabalho com o tema e ao mesmo tempo destacou as contribuições da psicanálise que consubstancia o debate sobre a sexualidade no âmbito educacional. Dessa forma, a fim de possibilitar uma reflexão quanto ao tema, o artigo compartilha um referencial teórico que embasou a pesquisa, em seguida à metodologia utilizada na coleta de dados e sua análise. Por fim, será exposta a discussão dos resultados e a considerações sobre a pesquisa.

# 2 SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO

As manifestações da sexualidade se evidenciam sob diversas formas e diversos entendimentos e considerações, pois se trata de algo intrinsecamente humano e que emerge em distintos contextos, realidades e condições. Por se tratar de um tema que explicita uma diversidade de situações, o ambiente escolar é também um dos lugares em

que as questões colocadas pela sexualidade em nossa sociedade se apresentam de forma polêmica e, muitas vezes, mostram as dificuldades vividas pelos alunos e professores no cotidiano escolar. Pela complexidade inerente ao tema, remontamos a Sigmund Freud para pensarmos o contexto atual das questões colocadas pelas manifestações da sexualidade no ambiente escolar, a fim de pensarmos as possíveis contribuições da psicanálise na relação entre educação e sexualidade.

As investigações de Freud (1905/1974) levaram à constatação da existência de uma sexualidade infantil. Isso não foi sem consequência para a sociedade de sua época e para a nossa. Ao tirar a sexualidade da obscuridade em que se encontrava, pode-se falar de manifestações da sexualidade expressas sob diferentes formas. Nesse sentido, tiravase a sexualidade apenas de um fim que levasse à reprodução.

Trata-se de uma importante demarcação para o campo da ciência que se constituía – a psicanálise – e que repercutiria em diversas outras áreas do saber. Ao trazer para o campo de investigação a existência de uma sexualidade infantil, certamente Freud (1905/1974) provocou muito alvoroço na sociedade de sua época. Entretanto, é importante esclarecer que não se trata da mesma referência e finalidade que a sexualidade do adulto. Foi possível identificar que o corpo da criança é marcadamente erógeno. Passa-se de uma fase do autoerotismo à constituição de zonas erógenas, estando em jogo formas de relação da criança com o mundo. E somente ao final de puberdade, e com a entrada na adolescência a sexualidade, toma sua forma final.

Tal descoberta é importante, pois, além de afirmar a existência de uma sexualidade infantil, dando lugar a esse corpo infantil como um corpo marcadamente erógeno, Freud (1905/1974) pode demonstrar também como o processo civilizatório age sobre esse mesmo corpo, e de que forma tais impulsos sexuais sucumbem às exigências da civilização; e, sob um processo de supressão em que tais impulsos entrarão em um estado de latência, despertando novamente mais tarde. Assim, ficam evidentes os mecanismos de que a civilização se serve para domar tais impulsos e a criança não ficará imune a eles: repugnância, vergonha, entre outros.

Entretanto, embora os efeitos do processo civilizatório venham tentar domar os impulsos sexuais, estes se manifestam de diferentes formas e de diferentes modos.

Portanto, o ambiente escolar é espaço propício para tais manifestações, pois precisamos considerar que as crianças estão em relação com o mundo e recorrem a diferentes recursos para extrair prazer desse mundo e de sua relação com os indivíduos. Na atualidade, não podemos desconsiderar que muitas situações que surgem no ambiente escolar são decorrentes de uma sociedade em constante mudança e, por isso, é preciso distinguir também o fato de algumas situações serem tomadas como patológicas; enquanto outras carecem realmente de atenção quando se trata de transgressão aos direitos que garantem a proteção das crianças.

Muitas dessas situações repercutem no ambiente escolar. Há um impasse inerente à dificuldade de qualquer ser humano em lidar com a sexualidade. Justamente por não termos fórmulas ou regras definidas acerca do que é o sexual, situações de embaraço se misturam também ao contexto e ao limite de responsabilidade entre pais e educadores. Sem considerar que a sexualidade faz furo neste saber inapreensível e todos os adultos se embaraçam quando se deparam com a sua emergência.

Numa perspectiva de senso comum, acreditava-se que a sexualidade fosse um impulso ausente na infância e que aflorava na puberdade. Entretanto, Freud (1972, p. 177) apontou o equívoco desse pensamento, pois tal incompreensão é decorrente das dificuldades que os adultos encontram em reconhecer as diferentes maneiras pelas quais a sexualidade se manifesta na vida infantil. Tal incompreensão também se relaciona à associação direta entre sexualidade e a vida sexual final dos adultos. É fundamental destacar que a partir da distinção feita por Freud passamos a compreender as manifestações da sexualidade infantil sob outro viés. E, assim, as questões colocadas pela sexualidade no curso do desenvolvimento infantil têm consequências e repercussões na vida escolar e nos processos de aprendizagem.

A concepção freudiana acerca da existência de uma sexualidade infantil produziu repercussões na sociedade de sua época. Ao afirmar a existência de uma sexualidade na vida infantil, sua teoria foi alvo de duras críticas. Entretanto, Freud já indicava que a sexualidade no âmbito da vida adulta não se restringia apenas à função reprodutiva, demonstrando ainda as diversas vias de obtenção de prazer; enquanto a sexualidade infantil se caracteriza por um tipo de prazer muito diferente daquele da vida adulta.

Numa época em que os inícios da satisfação sexual ainda estão vinculados à ingestão de alimentos, o instinto sexual tem um objeto fora do corpo do próprio infante, sob a forma do seio da mãe. Somente mais tarde é que o instinto perde esse objeto, bem na época talvez, em que a criança pode formar uma idéia total da pessoa a quem pertence o órgão que lhe está dando satisfação total. Via de regra o instinto se torna então auto-erótico. (FREUD, 1972, p.228).

É preciso lembrar que a psicanálise em si não elaborou nenhuma teoria voltada especificamente para a educação. A partir de tal conhecimento teórico e das possibilidades de recorrer a tal concepção, o docente amplia as condições de possibilidade para entender a sexualidade inerente à vida dos seres humanos e, especificamente, na infância. Além disso, tratar determinadas manifestações da sexualidade no ambiente escolar com mais naturalidade, deslocando-se do campo das restrições morais e elaborando estratégias de intervenção, a fim de amenizar determinadas condutas referentes à sexualidade que podem vir a ocorrer dentro da sala de aula.

Com o intuito de dar subsídio à pesquisa, também consideramos a importância de um dos conceitos estabelecidos na teoria freudiana, a saber, a *transferência*. Trata-se de um conceito de relevância para o contexto educacional, pois seu estabelecimento pela teoria psicanalítica se dá a partir da relação médico-paciente, o que não deixa de ser observado também na relação professor-aluno.

Cabe ressaltar que a descoberta e formulação do conceito de transferência foi fundamental para que Freud (1969) identificasse como a transferência é um dos mais importantes recursos para o tratamento psicanalítico, revelando uma dinâmica própria na relação entre o médico e o paciente. Entendendo-se que nessa dinâmica existe um jogo de forças que não se restringe apenas à definição de uma transposição ou projeção dos sentimentos das figuras importantes na vida de um indivíduo.

Isso é tão importante que levou Freud (1969, p. 135) a afirmar que "aquilo que alhures constitui o fator mais forte no sentido do sucesso nela se transforme no mais poderoso meio de resistência". Trata-se, pois, de um jogo de forças psíquicas muito mais intenso e intrigante do que a habitual ideia de deslocamento de sentimentos que seriam apenas projetados naquelas pessoas que representam alguma autoridade ou posição de

\_\_\_\_\_

@rquivo Brasileiro de Educação, Belo Horizonte, v. 6, n. 13, jan-abr, 2018.

saber na vida dos indivíduos.

Kupfer (2004) faz uma analogia a isso afirmando que essa situação também pode ser estabelecida na relação professor-aluno. Contudo, a transferência não se confunde com a assunção pelo professor do papel dos pais. Trata-se de uma situação em que as relações parentais são atualizadas na figura daqueles que passam a ocupar um lugar no cuidado das crianças. Tal relação também poderá contribuir ou dificultar o processo de aprendizagem do aluno.

Além disso, a via da suposição de saber colocada pela transferência, segundo Attié (1997, p. 151) aponta que "[...] há transferência a partir do momento em que nos endereçamos a alguém a quem supomos o saber", ou seja, do mesmo modo que o paciente espera a resposta do médico, supondo que ele tenha um saber sobre o seu sofrimento, pais e alunos veem no docente um sujeito capaz de responder com o seu saber às demandas e situações inerentes à sexualidade surgidas no curso do processo educacional das crianças.

Freud (1974) considerou de extrema importância as atitudes emocionais dos indivíduos com as outras pessoas, enfatizando que tais relações são marcadas pela existência concomitante de sentimentos contrários, constituindo o caráter de uma ambivalência emocional. Assim, se os indivíduos experimentam sentimentos contraditórios entre os seus familiares – pais, irmãos – não será sem consequência para a sua vida futura que isso tenha repercussão nas relações escolares. As figuras dos professores também serão alvo desta ambivalência, ratificando o fato de que tais figuras não serão apenas tomadas pelo saber nelas suposto, nem pelas identificações. Mas serão tomadas numa condição em que o estudante atualiza esses sentimentos ou identificações na figura do professor para, posteriormente, também prescindir disso e produzir sua inscrição no mundo adulto, respondendo pelas suas escolhas.

De todo modo, considerando a importância do processo educacional na vida de crianças e adolescentes como uma exigência do processo civilizatório, destacamos a importância do ambiente escolar como reprodutor das exigências sociais no processo de socialização. Desse modo, o encontro com os professores não será sem consequência na vida de seus alunos. Pode-se dizer, então, que a escola terá papel fundamental como

elemento civilizatório que ajuda a domar as insistentes forças da pulsão sexual, como também poderá contribuir para que as orientações a respeito da vida sexual dos seres humanos encontrem o caminho relativo às suas escolhas; ao caminhar em consonância com o limite que esta responsabilidade também impõe e respeitando o que preveem as legislações atuais.

Considerando a sexualidade a partir da perspectiva psicanalítica, o contexto contemporâneo impõe, aos nossos profissionais, novas questões em torno da discussão sobre o gênero, pois essa é uma das questões que a temática da sexualidade engloba. Por outro lado, é uma das formas como mais se observam as manifestações da sexualidade no contexto escolar.

Desse modo, precisamos levar em consideração uma importante passagem prevista pela legislação e pelo contexto atuais. Trata-se de não suprimir ou desconsiderar o aspecto da sexualidade, mas em âmbito suplementar, elevar sua importância as questões que a discussão sobre gênero ganhou em nossa sociedade. Em nosso entendimento, nenhum dos dois temas pode ser discutido isoladamente, mas é preciso levar em consideração qual tem sido o papel da escola no tratamento desta questão e como a escola impõe sobre os sujeitos padrões de comportamento socialmente esperados por meio da organização, da arquitetura, do currículo e outros elementos presentes no espaço escolar, assim como afirma Louro (2011).

A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o "lugar" dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. Através de seus quadros, crucifixos, santas ou esculturas, aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também, que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos. O prédio escolar informa a todos/as sua razão de existir. Suas marcas, seus símbolos e arranjos arquitetônicos "fazem sentido", instituem múltiplos sentidos, constituem distintos sujeitos. (LOURO, 2011, p. 62).

Agindo dessa forma, a escola acaba desconsiderando o indivíduo em suas diferenças, quando, na verdade, deveria desenvolver e proporcionar situações e atividades que se pautassem na compreensão e no respeito à diversidade. Por essa perspectiva, segundo Louro (2011, p. 84), a escola acredita estar fazendo com que esses assuntos fiquem fora do ambiente escolar. No entanto, ela mesma produz, reproduz e

reflete as concepções de gênero e sexualidade que prevalecem na sociedade.

Para que o ambiente escolar mude sua postura frente à temática, é necessário primeiramente que ela compreenda que a sexualidade faz parte dos indivíduos e, por isso, deve ser levada em consideração, a fim de possibilitar o desenvolvimento completo do sujeito. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) visam orientar os docentes quanto a um determinado conteúdo. Além desses, existe o PCN de temas transversais – dentre eles o PCN de Orientação Sexual – que expõe como esse assunto deve ser trabalhado na escola.

A orientação sexual na escola deve ser entendida como um processo de intervenção pedagógica que tem como objetivo transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados. Tal intervenção ocorre em âmbito coletivo, diferenciando-se de um trabalho individual, de cunho psicoterapêutico e enfocando as dimensões sociológica, psicológica, e fisiológica da sexualidade. Diferencia-se também da educação realizada pela família, pois possibilita a discussão de diferentes pontos de vista associados à sexualidade, sem a imposição de determinados valores sobre os outros. (BRASIL, 1997, p. 34).

Essa diretriz também ressalta a importância de haver uma relação de confiança entre professor e alunos. O docente deve mostrar-se disposto a conversar sobre essas questões de forma direta e esclarecedora. Esse mesmo documento evidencia aos docentes que no trabalho com essa temática deve manter uma fala imparcial, além de não emitir crenças ou opiniões quanto ao assunto.

A emissão da opinião pessoal do professor na sala de aula pode ocupar o espaço dos questionamentos, incertezas e ambivalências necessárias à construção da opinião do próprio aluno [...] o professor conduz e orienta o debate, não emitindo opiniões pessoais. (BRASIL, 1997, p. 302).

Destaca-se que as questões que englobam a sexualidade vão além do âmbito biológico, porém o PCN de Orientação Sexual legitima este pensamento no que se refere à forma como a temática sexualidade deve ser trabalhada dentro da sala de aula. As propostas acabam girando em torno de questões relacionadas ao corpo ou a doenças – de modo geral.

A abordagem do corpo como matriz da sexualidade tem como objetivo

propiciar aos alunos conhecimento e respeito ao próprio corpo e noções sobre os cuidados que necessitam dos serviços de saúde [...] o trabalho de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis/AIDS possibilita oferecer informações científicas e atualizadas sobre as formas de prevenção de doenças. (BRASIL, 1997, p. 35).

Durante a execução da pesquisa<sup>1</sup>, ficou claro como o âmbito social que envolve o tema sexualidade influencia diretamente na aprendizagem. As questões sobre gênero demonstram como isso é efetivo dentro do âmbito escolar, porém nota-se como a escola ainda se recusa a discutir essa temática com os alunos.

A escola deve se pautar nas diferenças para desenvolver as atividades ao invés de excluir aqueles que não se reconhecem nos modelos criados socialmente conforme o gênero e a sexualidade. No entanto, a instituição escolar insiste em não trabalhar com a temática. Segundo Louro (2011, p. 84), "de algum modo, parece que se deixarem de tratar desses "problemas", a sexualidade ficará fora da escola. É indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas ela própria as produz".

A temática da sexualidade está presente na escola, ou melhor, está no corpo do ser humano que frequenta o mundo. Buscamos um caminho que pudesse evidenciar essas questões na relação estabelecida entre professores e estudantes. Foram levados em conta esses conceitos acima trabalhados e particularmente o documento base: o PCN.

### 3 METODOLOGIA E RESULTADOS DA PESQUISA

A *priori* tornou-se necessária a realização da pesquisa bibliográfica com o intuito de consubstanciar a investigação no campo escolar e oferecer suporte teórico-metodológico que a sustentasse. A partir da pesquisa bibliográfica, foram estabelecidos os principais autores que se tornaram pilares na compreensão dos conceitos abordados na pesquisa como Freud, Louro e o documento dos PCN sobre sexualidade.

Após o levantamento bibliográfico, foi utilizada a pesquisa de campo que não se

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> A coleta de dados desta pesquisa ocorreu no primeiro semestre de 2016. Os dados foram para o Trabalho de conclusão de curso em Pedagogia da PUC-Minas, sob a orientação do professor Amauri Carlos Ferreira.

trata somente de um processo de coleta de dados, mas de uma ação que propiciou o envolvimento dos pesquisadores com o objeto de pesquisa. Para a coleta de dados foram utilizadas duas técnicas: a entrevista e o questionário. As entrevistas ocorreram com nove (9) professoras regentes das turmas pesquisadas. A outra técnica utilizada foi a de questionário. A escolha por esta técnica de pesquisa foi pela capacidade de abranger uma grande quantidade de pessoas concomitantemente. Foram confeccionados questionários para os anos iniciais do ensino fundamental, sendo o 1º, 2º e 3º anos apresentados em forma de figuras pelo fato dos alunos estarem em processo de alfabetização e para o 4º e 5º ano, além da parte de figuras, foram inseridas duas perguntas em aberto, totalizando 222 questionários aplicados.

Para realização da pesquisa foram selecionadas duas escolas públicas da região metropolitana de Belo Horizonte, uma localizada em Ibirité e outra em Ribeirão das Neves. Foi utilizado o uso de método comparativo para compreensão do trabalho docente sobre a temática da sexualidade nos anos iniciais do ensino fundamental. A utilização desse método foi para evidenciar o modo de ver dos estudantes e professoras sobre essa temática.

Os sujeitos da pesquisa foram estudantes e professoras dos anos iniciais –, que fizessem parte da turma das professoras entrevistadas. O questionário foi distribuído para todos os alunos do ensino fundamental I de ambas as escolas, tomando-se como média 35 alunos por sala e calculou-se a distribuição de 350 questionários. As entrevistas ocorreram com 9 (nove) professoras. Foram respondidos 222 questionários. Esses dados conduziram a mais reflexão a respeito do tema que ainda continua sendo complexo por parte das professoras entrevistadas e também trouxe o modo de ver das crianças no que se refere ao tema, que acaba repetindo estereótipos advindos do modo de ver do adulto.

Considerando a faixa etária das crianças, foi utilizado o recurso do desenho, tendo em vista compreender a percepção dos estudantes. Tais desenhos foram retirados da internet e são os que as professoras utilizam em suas atividades pedagógicas, com a seguinte configuração: bola, baralho, corda, patins, bicicleta, boneca, balão entre outros. O objetivo na utilização de desenhos foi com o intuito de mais interação com as crianças

pequenas e observar como elas lidavam com eles no que se refere a ser brinquedo de menina ou de menino.

O que se tem constatado até o momento com essa pesquisa e outras - que as crianças não fazem a diferenciação se é um brinquedo de menino ou de menina. No entanto, apontam em suas escolhas quando elas são atividades livres, as representações apontam para brincadeiras sexuais o que concordamos com Fynco (2004), quando afirma que

ao brincar, as crianças fazem escolhas de acordo com aquilo que lhes dê prazer e com curiosidade. Não existem fronteiras para os espaços ocupados na brincadeira. As fronteiras do que é permitido e do que não é permitido, para cada sexo, não são consideradas nos momentos das brincadeiras. (FYNCO, 2004, p. 13).

A questão de gênero para a pesquisa foi apenas acenando para uma categoria relacional e não como uma característica analítica. Foi importante apenas para perceber que alguns brinquedos escolhidos por meninos e meninas caracterizam sua destinação, ou seja, as professoras entendem como algo natural.

Ao ser apresentado um quadro com diversos brinquedos e posteriormente pedido para que fossem circulados os brinquedos de "meninas" ou marcasse com um X os brinquedos considerados de "meninos". Os resultados demonstraram grande quantificação de objetos selecionados como sendo próprio de um determinado grupo (menino ou menina). Sabe-se que as experiências vivenciadas pelos alunos dentro e fora do ambiente escolar inferiram nas respostas dadas por eles. As figuras utilizadas são representações que as professoras utilizam para destacar a questão do lúdico. No entanto, não há continuidade dessa atividade que possa desencadear uma reflexão ou um processo de aprendizado sobre o corpo ou sobre gênero.

Considerando os questionários respondidos das turmas do 2º ano de ambas as escolas, observou-se que a divisão feita quanto à modalidade do brinquedo e o sexo dos alunos (feminino / masculino) demonstraram alto índice de sexismo, principalmente nas escolhas quanto aos brinquedos: carrinho, baralho, pipa, boliche e trenzinho – na turma de Ibirité –, peão, carrinho, bola, pipa, trenzinho e raquete – na turma de Ribeirão das Neves – selecionados pela maioria dos alunos como brinquedo para "meninos"; e os

brinquedos boneca, corda, patins e balão – na turma de Ibirité –, boneca e balão – na turma de Ribeirão das Neves – escolhidos pela maioria como brinquedos de "meninas". Nessas turmas, constatou-se que em poucos brinquedos foram demarcados como próprio de ambos os sexos.

Tal resultado corrobora o que Vianna e Finco (2009) já constataram.

A experiência de meninas e meninos na educação infantil pode ser considerada como um rito de passagem contemporâneo que antecipa a escolarização, por meio da qual se produzem habilidades, O minucioso processo de feminização e masculinização dos corpos, presente no controle dos sentimentos, no movimento corporal, no desenvolvimento das habilidades e dos modelos cognitivos de meninos e meninas está relacionado à força das expectativas que nossa sociedade e nossa cultura carregam, Esse processo reflete-se nos tipos de brinquedos que lhes são permitidos e disponibilizados: para que as crianças aprendam de maneira muito prazerosa e mascarada, a comportar-se como verdadeiros meninos e meninas. (VIANNA; FINCO, 2009, p.172).

De forma ilustrativa os resultados aqui assinalados nas duas escolas pesquisadas.

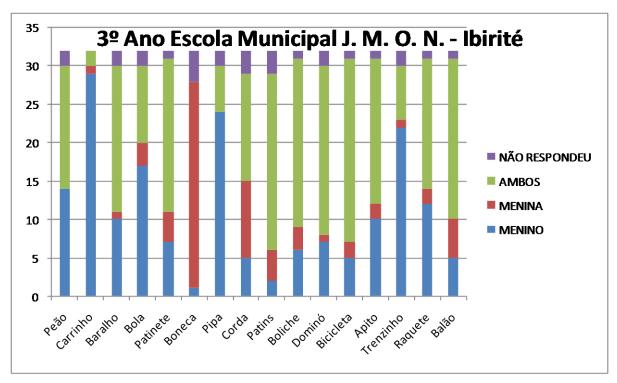


Gráfico 1 - Brinquedos Selecionados - (3º ano) Ibirité

Fonte: Os autores

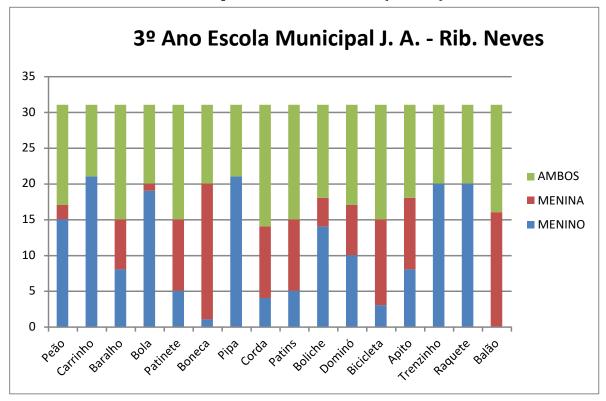


Gráfico 2 - Brinquedos Selecionados - (3º ano )Ribeirão das Neves

Nas turmas de 3° ano observou-se mudança na forma de classificação dos brinquedos por sexo pelos alunos. Em sua maioria, demarcaram vários brinquedos como sendo de ambos os sexos. Contudo os brinquedos carrinho, bola, pipa e trenzinho – para "meninos" – e boneca – para "meninas" – apresentam ainda grandes índices na escola de Ibirité. Já na escola de Ribeirão das Neves esses mesmos índices se deram nas escolhas dos brinquedos carrinho, bola, pipa, trenzinho e raquete – para "meninos" – e bola e balão – para "menina".

Gráfico 3 - Brinquedos Selecionados - (4º ano) Ibirité

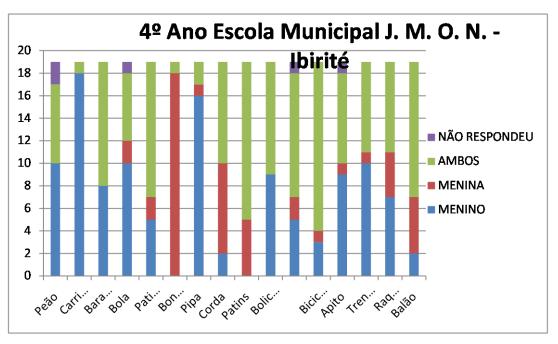
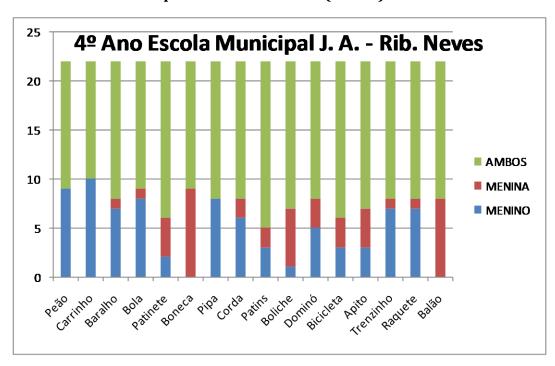


Gráfico 4 - Brinquedos Selecionados - (4º ano) Ribeirão das Neves



Fonte: Os autores

Com relação às turmas do 4º ano, notou-se também um grande contingente de brinquedos que foram eleitos como sendo próprio para ambos os sexos. Entretanto, na escola de Ibirité, carrinho e pipa – para "meninos" – e boneca – para "meninas" – apresentam elevados índices, sendo considerados pela maioria dos alunos como exclusivos de um único sexo. Já na escola de Ribeirão das Neves todos os brinquedos foram classificados, em sua maioria, como sendo de ambos os sexos.

5º Ano Escola Municipal J. A. - Rib.Neves

25
20
15
10
2eta rinha batho basharata pina carda patin batharata patin batharata batharata patin batharata patin batharata batharata

Gráfico 5 - Brinquedos Selecionados - (5º ano) Ribeirão das Neves

Fonte: Os autores

5º Ano Escola Municipal J. M. O. N. -25 **Ibirité** 20 15 ■ NÃO RESPONDEU AMBOS 10 ■ MENINA MENINO 5 Trentinho Patinete Domino Boliche Patins Cords 6.168

Gráfico 6 - Brinquedos Selecionados - (5º ano) Ibirité

As turmas de 5º ano apresentam respostas variadas, mas nelas a quantidade de brinquedos selecionados como sendo de ambos os sexos volta a reduzir. Na escola de Ribeirão das Neves carrinho e trenzinho são definidos majoritariamente como sendo brinquedos de meninos, enquanto a boneca foi selecionada pela maioria como sendo de menina. Na escola de Ibirité a boneca foi selecionada unanimemente com sendo do sexo feminino, sendo que carrinho, pipa, trenzinho e peão tiveram grande quantidade de marcações como sendo de brinquedo de "meninos".

Pelas respostas obtidas nos questionários, pôde-se perceber qual a concepção que os alunos possuem quanto ao tipo de brinquedo e sua relação com algum sexo (feminino-masculino), sendo que a família pode ter contribuído para que os alunos chegassem a essas conclusões.

Na prática, toda família realiza a educação sexual de suas crianças e jovens, mesmo aquelas que nunca falam abertamente sobre isso. O comportamento dos pais entre si, na relação com os filhos, no tipo de "cuidados" recomendados, nas expressões, gestos e proibições que estabelecem, são carregados dos valores

associados à sexualidade que a criança e o adolescente apreendem.

O fato de a família ter valores conservadores, liberais ou progressistas, professar alguma crença religiosa ou não, e a forma como o faz, determina em grande parte a educação das crianças e jovens. Pode-se afirmar que é no espaço privado, portanto, que a criança recebe com maior intensidade as noções a partir das quais vai construindo e expressando a sua sexualidade. (BRASIL,

O papel da escola e do professor não seria o de julgar se a forma como a família oferece a educação sexual a seus filhos está certa ou errada (BRASIL, 1997), mas de elaborar estratégias pedagógicas que irão abordar a temática sexualidade de forma ampla – não apenas pelo viés biológico –, baseando-se na demanda que os alunos apresentam – suas atitudes, opiniões, experiências, dúvidas e curiosidade.

1997, p. 291).

[...] podem-se trabalhar as relações de gênero em qualquer situação do convívio escolar. Elas se apresentam de forma nítida nas relações entre os alunos e nas brincadeiras diretamente ligadas à sexualidade. Também estão presentes nas demais brincadeiras, no modo de realizar as tarefas escolares, na organização do material de estudo, enfim, nos comportamentos diferenciados de meninos e meninas. Nessas situações, o professor, estando atento, pode intervir de modo que se coloque contra as discriminações e questione os estereótipos associados ao gênero. [...]. O professor deve, então, sinalizar a rigidez das regras existentes nesse grupo, apontando para a imensa diversidade dos jeitos de ser homem ou mulher. Também as situações de depreciação ou menosprezo por colegas do outro sexo demandam a intervenção do professor a fim de se trabalhar o respeito ao outro e às diferenças. (BRASIL, 1997, p. 324).

Tornou-se perceptível, com base nos questionários, assim como nas falas das professoras de ambas as escolas, que nas turmas selecionadas não há alunos que possuam alguma questão ligada a gênero. No que tange às questões religiosas, pelas falas das docentes, alguns pais manifestam incômodo no fato da temática sexualidade ser trabalhada na escola.

No que tange às questões relacionadas ao estudo do corpo humano, percebe-se que há um aumento gradual no número de crianças que responderam que já estudaram algo, bem como nos assuntos mais específicos estudados. A fim de compreender os assuntos trabalhados dentro da sala de aula com os alunos, escolhemos as seguintes categorias dentro do tema sexualidade – partes do corpo, saúde bucal, higiene e reprodução sexual.

Dentre essas categorias, percebe-se que no segundo ano em ambas as escolas

prevalecem o aprendizado de saúde bucal e higiene. No entanto, alguns alunos demarcaram o aprendizado de outros assuntos. No terceiro ano nota-se que além dos temas citados acima, saúde bucal e higiene, o assunto partes do corpo entra com números significativos. A maior parte dos alunos destacou que aprenderam em ambas as escolas sobre partes do corpo e higiene.

No quarto ano, os assuntos demarcados continuam sendo higiene e saúde bucal em ambas as escolas. No quinto ano na E.M. Jair Amâncio em Ribeirão das Neves prevaleceu partes do corpo, higiene e saúde bucal, enquanto que na E.M. Jardim Montreal/Ouro Negro predominou higiene e saúde bucal. Nota-se que em nenhum ano houve a prevalência do ensino sobre a reprodução sexual. Mas uma minoria dos alunos demarcou o aprendizado desse assunto. Percebe-se também que os assuntos trabalhados em sala de aula se assemelham bastante entre as escolas.

Quadro 1 - Temas abordados em sala de aula - Ribeirão das Neves

Escola Municipal J. A. – Ribeirão das Neves					
	1º ANO	2º ANO	3º ANO	4º ANO	5º ANO
	9	12	28	19	27
	24	25	27	20	26
	23	25	28	22	26
	4	7	17	19	22

Fonte: Os autores

Guadro 2 - Temas Abordados em Sala de Aula - Ibirité

Escola Municipal J. M. O. N. – Ibirité					
	1º ANO	2º ANO	3º ANO	4º ANO	5º ANO
	11	32	14	12	11
A STATE OF THE STA	12	32	17	18	12
	12	30	16	18	12
	11	32	14	12	11

As questões iniciais eram comuns para todos os anos pesquisados, e os quartos e quintos anos obtinham outras questões mais incisivas relacionadas às metodologias utilizadas para o ensino da temática: a idade "correta" para se namorar, pessoas com as quais devemos conversar sobre a temática e o que sabiam a respeito do termo homossexualidade. Optamos por apresentar essas questões apenas para os dois últimos anos do Ensino Fundamental I devido à necessidade de escrita e visto que são assuntos que exigem mais reflexão por parte dos alunos. Nesse aspecto consideramos a idade dos alunos como ponto decisivo nessa escolha.

Quanto aos recursos utilizados para o trabalho com a temática sexualidade, percebe-se que a utilização do livro didático é o mais recorrente em ambas as escolas. No entanto, parte dos alunos pontuaram a utilização de vídeos, *slides* e outros recursos que variam entre cartazes, laboratórios, quadros e *banners*. Apesar dessas pontuações, a prevalência do livro didático é quase unânime em ambas as escolas.

Quadro 3 - Recursos Didáticos Utilizados - Ribeirão das Neves

Escola Municipal J. A. – Ribeirão das Neves			
	4º ANO	5º ANO	
Vídeo	1	2	
Slide	2	2	
Livro	21	25	
Outros	6	2	

Quadro 4 - Recursos Didáticos Utilizados - Ibirité

Escola Municipal J. M. O. N Ibirité			
	4º ANO	5º ANO	
Vídeo	4	2	
Slide	4	0	
Livro	14	22	
Outros	2	15	

**Fonte: Os Autores** 

Dentre as questões, buscamos entender a percepção dos alunos sobre com quem se deve conversar sobre o tema sexualidade. Para tanto poderia se responder mais de uma opção das que foram apresentadas. A maior parte dos alunos em ambas as escolas responderam que se deve falar com os pais sobre o tema, mas nesse trabalho procura-se entender a relação professor-aluno dentro da temática. Dessa forma é necessário focar a atenção para esses sujeitos.

Na escola de Ribeirão das Neves poucos alunos marcaram os professores como pessoas com quem se conversar sobre a temática, tanto no quarto como no quinto ano. Isso demonstra que os alunos não relacionam os seus professores como orientadores no âmbito da sexualidade.

Já na escola de Ibirité o número de alunos que relaciona os docentes como pessoas com quem se deve conversar sobre o tema é considerável, em ambos os anos. A relação professor-aluno parece ser construída de forma mais profunda nas turmas pesquisadas nessa escola, considerando a liberdade dos alunos para se conversar com os

professores sobre o tema. Essa atitude é comprovada por uma das professoras no momento da entrevista que será abordada mais adiante.

Quadro 5 - Com quem conversar sobre sexualidade - Ribeirão das Neves

Escola Municipal J. A. – Ribeirão das Neves			
	4º ANO	5º ANO	
Pais	15	15	
Amigos	7	3	
Irmãos mais velhos	3	3	
Professores	2	6	
Profissionais da saúde	6	5	
Outros	0	0	

**Fonte: Os autores** 

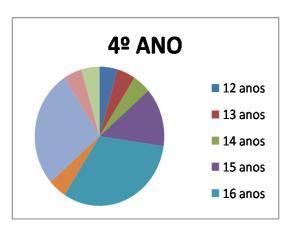
Quadro 6 - Com quem conversar sobre sexualidade - Ibirité

Escola Municipal J. M. O. N. – Ibirité			
	4º ANO	5º ANO	
Pais	14	18	
Amigos	0	0	
Irmãos mais velhos	1	0	
Professores	6	12	
Profissionais da saúde	6	10	
Outros	1	0	

Fonte: Os autores

Quanto à idade que os alunos consideravam ideal para se namorar, os números são bem variados em ambas as escolas e turmas, e variaram de acordo com as referências de familiares, amigos, dentre outros como demonstram os gráficos abaixo:

Imagem 1 - A partir de Qual idade deve-se namorar - Escola Municipal J. A. - Ribeirão das Neves



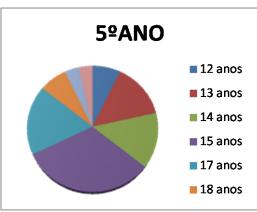


Imagem 2 - A partir de Qual idade deve-se namorar - Escola Municipal J. M. O. N. - Ibirité





**Fonte: Os autores** 

Tendo em vista os dados apresentados, podemos perceber que a questão da sexualidade não é abordada com esses estudantes. Os temas ficam na superfície, ou seja, fica difícil abordar tal temática que conduza a um aprendizado e que leve em conta a sexualidade da criança e seu aprendizado sobre o corpo.

Diante de tal fato, e por meio da coleta de dados utilizando desenhos e algumas

127

questões, percebemos que não há relação com o que se espera de aprendizados sobre

sexualidade. Voltamos para buscar categorias analíticas para melhor compreender essa

temática no que se refere à prática docente, tendo em vista que é de obrigação do

docente discutir essas questões. Foi possível levantar três categorias de análise, tendo

em vista a temática da pesquisa.

a) 1° Categoria: Metodologia dos professores

b) 2° Categoria: Relação professor-aluno

c) 3° Categoria: Gênero

A categoria Metodologia dos professores investigou as principais metodologias

utilizadas pelas professoras em sala de aula para retratar a temática sexualidade. Partiu-

se da orientação apresentada no PCN, que indica que o trabalho com o tema deve levar

em consideração "[...] os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na

sociedade para auxiliar o aluno a construir um ponto de auto-referência por meio da

reflexão" (BRASIL, 1997, p.299).

A partir dos depoimentos das professoras, constatou-se o desconhecimento de

recursos diferenciados para se trabalhar em sala. As professoras deram o destaque para

uso do livro didático como único material de suporte, de tal maneira que o tema

sexualidade é realizado de forma superficial destacando aspectos biológicos. Os relatos

de duas professoras acabam retratando a utilização deste recurso: "No geral, trabalho o

que é apresentado no livro didático. Sigo muito os livros adotados pela escola. Acho

difícil encontrar materiais e recursos dentro desse tema e ainda não domino muitas

tecnologias." (Professora E).

"O livro didático, texto informativos, vídeos." (Professora D).

Outro apontamento discutido no PCN é o perfil necessário de professor para

trabalhar com o tema sexualidade, em que são indicadas características fundamentais ao

pensarmos nos tabus que envolvem o tema.

O profissional que se responsabiliza por esse trabalho pode ser um professor de qualquer matéria ou educador com outra função na escola (orientador

educacional, coordenador pedagógico ou psicólogo, por exemplo). O importante é que seja alguém que tenha bom contato com os alunos e, portanto, um interlocutor confiável e significativo para acolher as expectativas, opiniões e dúvidas, além de ser capaz de conduzir debates sem impor suas opiniões. (BRASIL, 1997, p. 25).

Na prática, percebe-se a resistência e insegurança para realização do trabalho referente à sexualidade, tais dificuldades são envolvidas por questões relacionadas à religião, família, falta de recursos e, como maior barreira, encontra-se a formação acadêmica.

"Eu acredito que formação acadêmica nenhuma amplia a ponto de você falar, não, é totalmente tranquilo", seja que assunto for. Te dá um início, um norte, a partir daí é pesquisa mesmo." (Professora B).

"De forma superficial sim, o professor tem que se atualizar sempre. Lindinha, você acha que os temas que você estuda hoje são os mesmos que eu estudei 20 anos atrás? (risos)" (Professora G).

Na categoria *Relação professor-aluno* foi possível elencar a forma como a sexualidade surge no âmbito escolar e destacar a contribuição da psicanálise para a educação por meio do conceito de transferência. A orientação do PCN diz que o tema sexualidade deve ser trabalhado de forma transversal, ou seja, interdisciplinar. Entretanto, a hipótese que se seguia durante a construção dessa pesquisa era de que tal temática era ignorada dentro da escola.

De fato, tal tema, muitas vezes, é posto de lado, não recebendo uma estrutura que fundamente seu desenvolvimento em sala de aula. Todavia, os assuntos que envolvem a sexualidade acabam surgindo por meio de falas de alunos ou situações/problemas, visto que a dimensão da sexualidade, num âmbito geral, não pode ser ignorada, já que possui grande influência na aprendizagem do indivíduo.

Durante a realização das entrevistas percebeu-se que, sendo a sexualidade inerente ao indivíduo, é impossível, portanto, deixar a temática fora da escola. Quando perguntados sobre o que pensavam sobre o trabalho com o tema, as respostas variam entre as professoras que acham o tema de exclusiva responsabilidade dos pais e os professores que consideram o tema importante e que deve ser trabalhado em sala de aula. As próprias falas das professoras demonstram bem a realidade da escola no

contexto atual, destacando que as crianças precisam de um respaldo na questão sexual, visto que, muitas vezes, isso é negado dentro de casa.

Dentro dessa categoria houve uma pergunta na entrevista que trouxe informações importantes para a temática: Você já passou por alguma situação-problema referente à sexualidade com seus alunos? Se sim, como procedeu diante da situação? Nessa pergunta os professores puderam expor as situações que enfrentaram na sala de aula com os alunos, demonstrando a relação existente entre eles. Com o surgimento de tais situações, percebeu-se, pela entrevista, que o professor pode se portar de duas maneiras – reprimir as perguntas e curiosidades dos alunos ou usar de tal situação para trabalhar com o tema. Percebe-se na fala de uma das professoras pesquisadas que a relação professor-aluno é essencial para essas questões, uma vez que seja pautada no respeito mútuo.

Assim, a partir das contribuições da concepção psicanalítica de transferência e sexualidade, consideramos que se trata de dois recursos que possibilitam ao professor compreender como se dá a construção da relação professor-aluno. Mas também, ressaltamos que tais recursos podem contribuir para o manejo no tratamento das distintas manifestações da sexualidade no ambiente escolar, bem como contribuir para melhorar ou dificultar a relação professor-aluno e o processo de ensino-aprendizagem.

Na categoria *Gênero* buscou-se perceber como os docentes lidam com esse assunto dentro da sala de aula a partir de suas atitudes com os alunos e o que pensam a respeito dele. Pela entrevista, procurou-se saber se as professoras realizavam trabalhos em grupo e como era feita a divisão. A grande maioria alegou a importância do trabalho em grupo e que deixavam a escolha ser feita de forma livre ou por meio de sorteio. Apenas a professora do 2º ano de Ribeirão das Neves disse evitar trabalhos em grupo e que, quando o faz, ela realiza a divisão entre meninos e meninas, por considerar os meninos bagunceiros, não realizando a atividade proposta.

Percebe-se que a atitude tomada pela maioria dos docentes contribui para que sejam rompidos os sexismos existentes dentro da sala de aula, mostrando para os alunos que todos possuem semelhanças e diferenças e que não é o fato de ser menino ou menina que vai definir quem o sujeito é. Essa interação é indispensável para auxiliar na

forma como eles se portarão frente ao outro.

Com relação ao comportamento dos alunos, as professoras do 1º e do 2º ano da escola de Ribeirão das Neves e do 3º e 4º ano da escola de Ibirité dizem achar os meninos mais bagunceiros que as meninas, havendo, claro, algumas exceções. As demais professoras de ambas as escolas consideram a personalidade e individualidade de cada criança para defini-la e não apenas como o sexo. Louro (2011) problematiza essas distinções feitas entre meninos e meninas.

Afinal, é "natural" que meninos e meninas se separem na escola, para trabalhos de grupos e para as filas? Como explicar, então, que muitas vezes eles e elas se "misturem" para brincar ou trabalhar? É de esperar que os desempenhos nas diferentes disciplinas revelem as diferenças de interesses e aptidão característica de cada gênero? Sendo assim, teríamos que avaliar esses alunos e alunas através de critérios diferentes? Como professoras de séries iniciais, precisamos aceitar que os meninos são "naturalmente" mais agitados e curiosos que as meninas? E quando ocorre uma situação oposta à esperada, ou seja, quando encontramos meninos que se dedicam a atividades mais tranqüilas e meninas que preferem jogos mais agressivos, devemos nos "preocupar", pois isso é indicador de que esses/as alunos/as estão apresentando "desvios" de comportamento? (LOURO, 2011, p. 67-68).

Quando questionadas sobre a importância do tema sexualidade ser trabalhado com os alunos, todas as respostas foram afirmativas. Uma das professoras da escola de Ribeirão das Neves foi além e expressou que é da responsabilidade do professor o trabalho com essa temática, pois é ele quem está apto a esclarecer termos e conceito que devem ser aprendidos desde a base da educação.

Todas as docentes afirmaram que o tema é polêmico, pois a ideologia familiar interfere diretamente no trabalho do professor ante a temática. A professora do 3º ano da escola de Ribeirão das Neves acredita que os pais retiram de si a responsabilidade de abordar esse tema, deixando isso a cargo da escola. A mesma docente também sugeriu um trabalho integrado entre família e escola para tratar do assunto.

Além de ser um tema polêmico e da provável reação dos pais e familiares quanto ao assunto ser apresentado na escola – barreiras familiares –, percebeu-se pela pesquisa de campo que o primeiro grande desafio que o professor tem que lidar é com as barreiras internas – ideologias e concepções. A forma como o docente enxerga essas questões, junto ao "domínio" que possui sobre o assunto, irão influenciar diretamente

sua prática pedagógica.

# 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das situações levantadas e dos dados obtidos com a presente pesquisa, mediante entrevistas e questionários, pode-se identificar o modo como os professores percebem e tratam a temática da sexualidade no ambiente escolar.

A pesquisa apontou de forma ilustrativa que a temática não é trabalhada pelos professores, o que nos trouxe um indicativo de que se deve pensar o campo da formação de professores no que se refere à temática. Entretanto, também observamos que, além da formação que deve ser oferecida para capacitar os professores, eles enfrentam dificuldades quanto ao limite da responsabilidade que lhes é atribuída em relação à sexualidade infantil no ambiente escolar. Por ser um tema ainda tabu, a sexualidade coloca pais e professores diante de um impasse quanto aos papéis e responsabilidades em relação ao que emerge da vida sexual infantil e transita entre o ambiente familiar e escolar.

Além disso, no decorrer da pesquisa, percebemos que a família atribui grande responsabilidade à escola em relação à educação sexual e essa responsabilidade é reafirmada pelo PCN. Entretanto, ficou claro que os professores possuem muita dificuldade no trabalho com o tema e na forma de abordar a temática junto aos familiares, pois, muitas vezes, os familiares ou responsáveis pelas crianças jogam com a instituição escolar em torno da atribuição de responsabilidade, afirmando mais uma vez o quanto o tema da sexualidade e a discussão sobre gênero ainda é um tabu em nossa sociedade.

Por outro lado, também constatamos a dificuldade dos professores em trabalhar com o tema sexualidade, pois, em contraponto a responsabilidade atribuída ao docente, a pesquisa de campo indicou que alguns responsáveis acreditam que a sexualidade não deve ser trabalhada na escola, uma vez que direcionam o desenvolvimento desse tema a outras instâncias ou consideram que ele possui caráter pessoal e restrito ao ambiente familiar. A religião também pode interferir diretamente na prática docente devido a

barreiras internas (tabus) que são criados por ela.

Identificamos também a precariedade de materiais e recursos voltados para o tema. As entrevistas evidenciaram a falta de materiais e recursos como principal fator de impedimento para o trabalho com o tema sexualidade, visto que apesar da indicação proposta no PCN – o trabalho da sexualidade como tema transversal – é desconhecido qualquer material elaborado especificamente como suporte por parte dos professores pesquisados, resultando no uso exclusivo do livro didático.

E em relação ao questionamento que nos levou à presente pesquisa, indagamos: a escola reproduz uma educação sexista? A resposta se sustenta naquilo que a coleta de dados demonstrou: há uma concepção sexista dos alunos com relação à classificação de brinquedos e brincadeiras, muitas vezes reforçada pelos professores, muitas vezes inconscientemente e indiretamente. Essa visão dos fatos ocorreu nos momentos de divisão de grupos e na rotulação de meninos como agitados e meninas como mais quietas. Entretanto, para respondermos essa pergunta com precisão, é necessário realizar uma pesquisa aprofundada, voltada especificamente para esse questionamento, uma vez que esse não era o foco dessa pesquisa.

Considerando as observações levantadas, identificamos a importância das contribuições da psicanálise no contexto educacional, uma vez que essa teoria traz reflexões que podem fundamentar a prática do professor. Embora a psicanálise não seja uma teoria da educação, reiteramos que ela proporciona ricas contribuições para o fazer docente. Entretanto, a partir das entrevistas, observamos que a dificuldade dos docentes para abordar a temática da sexualidade advém da defasagem em sua formação acadêmica.

Finalmente, os resultados corroboram a hipótese inicial de que a abordagem da sexualidade e de suas manifestações no ambiente escolar, juntamente com os problemas que lhe são inerentes, recebe tratamento superficial e muitas vezes há uma esquiva de tratar o problema. Além disso, faltam recursos materiais e teóricos que fundamentem o trabalho, mesmo diante da exigência da legislação brasileira quanto à abordagem do tema no ambiente escolar.

De modo geral, a pesquisa demonstrou a importância de o docente buscar se

atualizar, visto que a dinamicidade de questões emergentes no âmbito do contexto escolar exige a formação continuada do professor. Os dados coletados abrem precedentes para novas pesquisas, pois a pesquisa não abordou todos os conceitos da psicanálise e o campo não foi completamente exaurido em suas perspectivas. Ao mesmo tempo corrobora a necessidade já colocada pelo livro organizado por Eliane Marta Lopes ET all "A Psicanálise Escuta a Educação" e nós acrescentamos que a educação não escuta o que a psicanálise tem a dizer sobre o tema da sexualidade.

## REFERÊNCIAS

ATTIÉ, Joseph. Sublimação – sintoma? In: RIBEIRO, Maria Anita Carneiro; MOTTA, Manoel Barros da. (Org.). **Os destinos da pulsão.** Rio de Janeiro: Kalimeros, 1997. Cap. 11, p. 145-172.

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais: orientação sexual. Brasília: MEC, 1997. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf. Acesso em: 25 jun. 2016.

FYNCO, Gabriela. **Educação infantil, gênero e brincadeiras:** das naturalidades às transgressões. Campinas SP, 2004. ANAIS: 28ª Reunião Anual da Anped, 2005. GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos. Disponível em:

http://WWW.anped.org.br/stes/defaut/files/gt07945int.pdf. Acesso em 20 abr. 2017

FREUD, Sigmund. Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar. In: FREUD, Sigmund. **Totem e tabu e outros trabalhos. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas.** Rio de Janeiro: Imago: 1914-1974. v. 13.

FREUD, Sigmund. A dinâmica da transferência. In: FREUD, Sigmund. **Artigos sobre técnica e outros trabalhos. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas.** Rio de Janeiro: Imago, 1912-1969. v. 12

FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud V**. Rio de Janeiro: Imago, 1972. v. 7

KUPFER, Maria Cristina. **Freud e a educação**: o mestre do impossível. 3. ed. São Paulo: Scipione, 2004. 103 p.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 297p.

LOPES. Eliane Marta Santos Teixeira. **A psicanálise escuta a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pósestruturalista. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. 184 p.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Conceito amplo de sexualidade. [S. l.]: psicopedagogia, 2010. Disponível em:

<a href="http://www.psicopedagogia.com.br/new1\_artigo.asp?entrID=1303#.Vlm7e3arTIX">http://www.psicopedagogia.com.br/new1\_artigo.asp?entrID=1303#.Vlm7e3arTIX</a>. Acesso em: 16 out. 2015.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Conceito amplo de sexualidade no processo de educação sexual. **Psicopedagogia On Line**, v. 1, 2010. Disponível em: < <a href="http://www.psicopedagogia.com.br/new1">http://www.psicopedagogia.com.br/new1</a> artigo.asp?entrID=1303 >. Acesso em: 16 out. 2015.

VIANNA, Cláudia; FINCO, Daniela. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. **Cadernos Pagu**, n. 33, p. 265-283, jul./dez. 2009.